

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas / Organizadores Joaquim dos Santos, Jéssica Correia Duarte Nuvens, Antonio Carlos Dias de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-772-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.724211412>

1. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Nuvens, Jéssica Correia Duarte (Organizadora). III. Oliveira, Antonio Carlos Dias de (Organizador). IV. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado das pesquisas produzidas por diferentes estudiosos, de várias áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil. Com a mesma relevância, o livro conta com capítulos assinados por investigadores estrangeiros, cujas análises são significativas para o rompimento de fronteiras espaciais e culturais a respeito do tripé que sustenta esta obra, pois as relações dialógicas entre diferentes saberes e sujeitos produtores de conhecimento científico são essenciais para o fortalecimento do debate e sua apropriação política, cultural, social, a fim de promover transformações sociais.

Os textos reunidos trazem à baila a compreensão do debate indissociável entre gênero, raça, classe e sexualidade. Esses marcadores sociais da diferença são postos estando imersos na(s) cultura(s), em seu amplo sentido: como modos de ser e viver o mundo. Como um mosaico constituído e marcado pelas diferenças, o livro agrega trabalhos de História, Educação, Direito, Psicologia, Economia, Linguística, Educação Física e Enfermagem. Isso reforça o caráter interdisciplinar e transdisciplinar desse debate.

Nessa trilha, há pesquisas sobre as desigualdades de gênero nas teorias de justiça; (in)visibilidade de gênero nos planos municipais de educação; sexualidades na pré-adolescência; construção das masculinidades e sofrimento psíquico; escritas de si de um professor negro; trajetórias de vidas de pais adolescentes; violência contra as mulheres e os mecanismos contra homens violentos; violência doméstica; gênero e políticas públicas de saúde; crime de importunação sexual; feminicídio e construção de santidade feminina; bonecas negras e processos de empoderamento; relações de gênero no mercado de trabalho; e transexualidade e esporte.

Desejamos que esses escritos sejam lidos e apropriados nos diferentes processos de lutas políticas, econômicas, sociais e culturais. Com a mesma relevância, almejamos que eles sejam pontes de comunicação para a formação de consciência crítica no tocante à equidade de gênero na contemporaneidade, bem como concernente ao enfrentamento das diversas formas de violências vividas por sujeitos considerados integrantes das “minorias” sociais.


Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA E SUA EXCLUSÃO DO CONTRATO SOCIAL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO OBJETO DAS MODERNAS TEORIAS DE JUSTIÇA

Katarina Karol Brazil de Melo Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114121>

CAPÍTULO 2..... 15

O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E A POPULARIZAÇÃO DAS TEORIAS FEMINISTAS


Júlia Salles Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114122>

CAPÍTULO 3..... 26

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO PROBLEMA PÚBLICO: UMA ABORDAGEM PARA CONSTRUIR UM PROBLEMA, A GERAÇÃO DE UM MARCO JURÍDICO DE AÇÃO E INTERVENÇÃO COM HOMENS VIOLENTOS NO MÉXICO

Felipe Eduardo Reyes Pérez Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114123>


CAPÍTULO 4..... 42

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE DA MULHER NO BRASIL E NO MUNDO

Aline Eggers

Roberto Vinícius Silva Saraiva

Evania Romanosky


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114124>

CAPÍTULO 5..... 53

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Sandra Natalie Silva


João Diógenes Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114125>

CAPÍTULO 6..... 64

'REPRESENTAÇÕES NEGRAS IMPORTAM': BONECAS DE MODA E AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Janaíne dos Santos Rolim


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114126>

CAPÍTULO 7..... 78

MARTÍRIO, CASTIDADE E FEMINICÍDIO NO CEARÁ: O CASO DE BENIGNA CARDOSO

Jéssica Correia Duarte Nuvens


Joaquim dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114127>

CAPÍTULO 8..... 90

“VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER CALADO (A)”: A (IN)VISIBILIDADE DE GÊNERO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO ALAGOANO


Amanda Monteiro Melo
Micheline Marques Alves
Fernanda Braga Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114128>

CAPÍTULO 9..... 103

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE


Cláudio José Araújo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114129>

CAPÍTULO 10..... 116

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES


Diary Igor Panta Marques
Marcus Cezar de Borba Belmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141210>

CAPÍTULO 11..... 132

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES


Ana Laura Cafaro Mango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141211>

CAPÍTULO 12..... 143

SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA


Nolasco Marcela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141212>

CAPÍTULO 13..... 154

O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

Aline Aparecida de Souza Ribeiro
Natália Rodrigues Reis
Priscila Gonçalves Soares


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141213>

CAPÍTULO 14..... 164

IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Lorena de Sousa Marques
Tarcísio da Costa Lobato

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos
Andréa Simone Rente Leão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141214>

SOBRE OS ORGANIZADORES	177
ÍNDICE REMISSIVO.....	179

CAPÍTULO 9

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE

Data de aceite: 01/12/2021

Cláudio José Araújo Silva

<http://lattes.cnpq.br/6442961722137662>

RESUMO: É sempre importante se refletir sobre as relações étnicas raciais visto que o preconceito racial e a conseqüente construção de estereótipos sobre os afrodescendentes são permanentes. Nesse sentido, acredito que a autorreflexão coloca-se como um importante exercício no podemos repensar nossa condição racial no mundo. Dessa forma, neste trabalho apresento um relato de vida no qual se percebe minhas experiências ligadas à raça na família, na escola e no trabalho. Nota-se ainda a importância dos grupos de estudo no processo de conscientização do pertencimento racial dos afrodescendentes que contam com uma carga histórica repleta de injustiças sociais, sobretudo o racismo estrutural. Nesse contexto, acrescento que o estudo foi realizado com base no método de pesquisa da escrita de si que tem como objetivo o relato de experiências de vida total ou parcial articuladas com a literatura pertinente. O estudo teve como objetivo geral: analisar as transformações no processo de conscientização do meu pertencimento racial. E como objetivos específicos: identificar o meu trajeto de vida no meio familiar, escolar e no mundo do trabalho; demonstrar as interferências positivas do grupo de estudo Roda Griô no processo de conscientização do meu pertencimento racial. O estudo mostrou a importância dos grupos de

estudos para a ressignificação da identidade racial dos descendentes de africanos e que a escola pública necessita ser restaurada para que os afrodescendentes possam ter um processo de escolarização mais eficaz e capaz de contribuir substancialmente com a construção da sua identidade. Para a realização desse estudo, estabeleci um diálogo como autores como: como Ferreira (2004); Castells (1999); Schwarcz (1993); Lopes; Boakari (2016), dentre outros/as. **PALAVRAS-CHAVE:** Grupos de estudo. Experiências. Pertencimento racial. Afrodescendente.

ABSTRACT: It is always important to reflect about ethnic-racial relations since racial prejudice and the consequent construction of stereotypes about Afro-descendants are permanent. In this sense, I believe that self-reflection is an important exercise in which we can rethink our racial condition in the world. In this way, in this work I present a life story in which my experiences related to race in the family, at school and at work can be seen. It is also noted the importance of study groups in the process of raising awareness of the racial belonging of Afro-descendants who have a historical burden full of social injustices, especially structural racism. In this context, I add that the study was carried out based on the research method of self-writing, which aims to report total or partial life experiences articulated with the relevant literature. The study had as general objective: to analyze the transformations in the awareness process of my racial belonging. And as specific objectives: to identify my life path in the family, school and work environment;

demonstrate the positive interferences of the Roda Griô study group in the process of raising awareness of my racial belonging. The study showed the importance of study groups for the redefinition of the racial identity of African descendants and that public schools need to be restored so that Afro-descendants can have a more effective schooling process capable of substantially contributing to the construction of their identity . To carry out this study, I established a dialogue with authors such as: as Ferreira (2004); Castells (1999); Schwarcz (1993); Lopes; Boakari (2016), among others.

KEYWORDS: Study groups. Experiences. Racial belonging. afro descendant.

INTRODUÇÃO

O preconceito racial é um problema social que ainda é alimentado por ideologias como o racismo científico e a democracia racial. Além disso, existem também os silêncios em relação à temática produzidos pela família e meio educacional que acabam reproduzindo as ideologias vigentes sobre este conteúdo.

Nesse sentido, acredito que reflexões sobre a história de vida dos afrodescendentes constituem-se em forma de resistência contra a discriminação racial através das quais se podem analisar suas lutas, suas conquistas, o seu valor e o processo gradual de transformação das suas identidades. E sendo assim, este estudo tem como objetivo geral: analisar as transformações no processo de conscientização do meu pertencimento racial. E como objetivos específicos, temos: identificar o meu trajeto de vida no meio familiar, escolar e no mundo do trabalho; demonstrar as interferências positivas do grupo de estudo Roda Griô no processo de conscientização do meu pertencimento racial.

Nesse contexto, vale destacar que a metodologia usada foi a escrita de si. E diante disso, Passeggi (2011) reflete sobre as terminologias escrita de si e narrativas autobiográficas enquanto métodos de pesquisa, nos colocando que:

As narrativas biográficas e autobiográficas permitem incluir tanto as histórias de uma vida, quanto fragmentos delas, elas podem designar tanto aquelas que são produzidas oralmente, quanto por escrito ou ainda por meio de gestos, expressões midiáticas e digitais (língua de sinais, expressões corporais, cinebiografia, fotobiografia, videografia, webgrafia [...] etc). Reservamos a denominação escrita de si para os textos escritos pelos próprios autores sobre suas experiências existenciais ou profissionais. (PASSEGGI, 2011, p. 17)

Logo, toda a produção encontra-se estruturada na narrativa sobre as minhas experiências de vida em que se nota a transição das minhas vivências enquanto leigo sobre o conteúdo ligado às relações étnico raciais e o meu processo de conscientização sobre essa temática e a sua importância. E dessa forma conclui-se que os grupos de estudo constituem-se em uma grande fonte de conhecimento e compreensão sobre a dinâmica das relações raciais e desenvolvimento de uma visão crítica sobre o contexto de vida dos afrodescendentes em uma sociedade altamente racista.

Percebe-se ainda que o processo de escolarização coloca-se como componente fundamental para que os descendentes de africanos possam despertar para a conquista diária da efetivação da sua cidadania. E para a construção dessa reflexão foi de fundamental o diálogo com alguns autores como Ferreira (2004); Castells (1999); Schwarcz (1993); Lopes; Boakari (2016), dentre outros/as.

DESENVOLVIMENTO

Antes do ano de dois mil e treze, a minha percepção sobre as relações étnico raciais eram superficiais e isso fazia com que eu tivesse uma interpretação em nível de senso comum no que diz respeito à minha condição de homem negro em uma sociedade capitalista, cristã, branqueada e repleta de preconceitos contra a etnia dos africanos e seus descendentes.

Nesse sentido, Ferreira (2004), analisando o processo de formação da identidade dos afrodescendentes nos coloca que a fase inicial, denominada fase de submissão, se caracteriza pelo fato dele:

Absorver e se submeter às crenças e valores da cultura branca dominante, inclusive à noção sintetizada nas ideias de “branco certo” e o “negro errado”. Esta internalização de estereótipos negativos é feita de maneira inconsciente. [...] O tema geral em torno do qual as pessoas neste estágio se articulam, corresponde a uma idealização da visão dominante de mundo branco, visto como superior. Em decorrência, há uma desvalorização do mundo negro ou uma tendência dos indivíduos a assumirem como insignificante para suas vidas o fato de serem afrodescendentes. (FERREIRA, 2004, p. 70)

Sob esse ponto de vista, vale destacar que eu consegui superar essa fase inicial da minha identidade quando entrei no grupo de estudos Roda Griô da Universidade Federal do Piauí (UFPI) no qual, através de leituras, filmes, eventos acadêmicos sobre as relações étnicas raciais adquiri uma nova consciência sobre esse conteúdo e passei a reinterpretar a minha condição social levando em consideração o meu pertencimento racial. Essa nova minha nova percepção sobre essa temática me possibilitou a desenvolver essa narrativa autobiográfica de forma crítica e contextualizada.

Nesse contexto, vale ressaltar que todo o meu percurso escolar de educação básica foi em escolas do município de Teresina na década de setenta em que na estrutura da política educacional da nossa educação ainda não havia a educação infantil devido à vigência da Lei de Diretrizes da Educação nº 7162/71 que organizou o ensino básico em primeiro e segundo grau, visando mais a formação para o trabalho. (SAVIANI, 2006)

Dessa forma, não tive muitas inspirações em casa e na escola durante o tempo que cursei o primário e o ginásio. O que eu via em casa era as minhas irmãs lendo revistas de fotonovela da época como *Sétimo Céu*, *Contigo*, *Capricho* e os meus irmãos gostavam de ler livros de cowboy, faroeste. Eu me beneficiei dessas produções em termos de escolarização

e de aprendizagem da leitura e da escrita vendo e aprendendo o nome das letras e das cores que tinha nas capas das revistas e dos livros de bolso.

Nesse cenário, os meus irmãos inventaram uma brincadeira em que eles diziam o nome de um livro, descreviam a capa e eu ia procurar no monte de livros organizados em porta livros. E através dessas brincadeiras, aprendi muitas letras e cores em casa mesmo. Recordo que uma vez acertei pegar livros de cowboy solicitados pelos meus irmãos cujos nomes eram *O Alejadinho* e o outro foi *Dançando na corda bamba* e com isso aprendi as sílabas, as palavras e as cores da capa desses dois livros e de tantos outros. No entanto, essas brincadeiras ocorriam informalmente mesmo, sem nenhuma intenção ou planejamento de ensino.

Nesse sentido, o problema da asma e da labirintite ainda cedo na minha vida também foi um fator complicador em meus primeiros anos de vida e que contaram como pontos negativos na formação da minha identidade familiar. Dialogando com Castells (1999, p. 4) sobre a formação da identidade, ele nos aponta que esta construção “Vale-se da matéria prima fornecida pela história, biologia, [...] pela memória coletiva e por fantasias pessoais [...]”.

E sendo assim, durante muito tempo fui visto como pessoa problemática e frágil no meio familiar o que mais tarde veio a reverberar nas minhas relações sociais em casa. No caso da asma, o meu pai se encarregou de cuidar do tratamento e depois de muitas consultas e terapias respiratórias, desapareceram os sintomas por um longo e reapareceram depois que terminei o mestrado em educação.

O meu pai demonstrava preocupação com a frequência de todos nós na escola e sempre que ia iniciar um ano letivo e que um de nós trocava de escola, durante a primeira semana de aula ele ia nos deixar na escola, ensinando o caminho. Eu ainda era bem pequeno e lembro-me das brigas dele com a minha irmã Inês para que ela frequentasse regularmente o curso técnico de enfermagem que finalmente concluiu e depois conseguiu trabalhos remunerados por toda a vida graças a esse curso. E consta nos relatos orais dos meus irmãos sobre o meu pai tinha vontade de ter um filho ou neto estudando na universidade ou trabalhando na polícia.

O problema das tonturas durou muito tempo e as minhas irmãs Inês e Isabel me levaram muitas vezes para o Dr. Nilmar, neurologista que sempre me prescreveu o exame eletroencefalograma e o medicamento em que o princípio ativo era o fenobarbital. Os exames sempre deram negativos e o medicamento não fazia efeito.

Depois de muito tempo, já no ano de dois e um, assim que casei com a Arlete, participando da organização de um evento na escola municipal em que ela trabalhava, ouvi a diretora da escola relatar sobre tonturas que sentia. Imediatamente, me informei da situação e em seguida providenciamos consulta para um otorrino que passou um exame específico para labirintite, diagnosticou o problema, confirmando a suspeita da doença. Passou medicamentos e recomendações que surtiram efeito positivo e nunca mais fui

incomodado com esse problema. A verdade é que a minha autoimagem ficou durante muito tempo afetado por esses problemas de saúde, sobretudo as consultas em que eu era proibido de falar. Muitas vezes aquilo voltava a minha consciência e eu me sentia fracassado diante do mundo.

Nessa perspectiva, os estudos que realizei no grupo Roda Griô foram abordados temas sobre a imagem negativa que o negro e a sua cultura tem na sociedade contemporânea e eu associava confusamente aquela ideia a minha situação familiar por causa das doenças. Nessas leituras e discussões foram abordadas sobre a escravidão, suas consequências para a identidade dos afrodescendentes e as teorias europeias do racismo científico do século XIX, transplantadas para o Brasil no século XX pelo médico e pesquisador baiano Nina Rodrigues e outros pensadores brasileiros como grandes causadoras da formação da identidade negativa dos descendentes de africanos, sobretudo por causa do fenômeno da miscigenação. (LOPES, 2007; GOMES, 1995; SCHWARCZ, 1993)

E aquelas discussões mexiam com a minha cabeça, me faziam voltar no passado. À noite, muitas vezes, sonhava com cenas da minha infância e adolescência e fui associando os estudos do núcleo sobre a necessidade de visibilidade positiva dos afrodescendentes na sociedade com as vezes que jogava botão e organizava junto com os colegas Zezinho, Edilson e Ivan times de futebol na rua com crianças de seis a onze anos. Também me lembrava dos desejos que tive na adolescência de saber o que era universidade. Relembrava ainda das vezes em que via imagens de artistas, atores e atrizes brancos colados no quarto das minhas irmãs e elas criticando os personagens não brancos que apreciam na televisão.

Dessas lembranças, fui reinterpreto as cenas que recordava e percebi que me destaquei no final da minha infância e boa parte da adolescência por causa dos jogos de botão em que fui consagrado como o melhor jogador da redondeza. Venci a maioria dos adversários, ganhei títulos e elogios constantes devido à forma que jogava com elegância, precisão e fazendo jogadas consideradas impossíveis.

Era espantosa a forma como eu treinava para jogar e cuidava dos botões. Eu lavava, enumerava e denominava muitos deles como o Alfredo, o Sete, o Boquinha de Peixe, o Quatorze, o Champrão, o Onze e outros com os quais tinha uma relação sentimental forte antes, durante e depois das partidas.

Vale ressaltar que alguns dos meus botões titulares que me davam segurança durante as partidas, eram decisivos foram cedidos pelo Luís Peba, um rapaz da vizinhança que gostava de brigas, era um bom jogador de futebol e trabalhava com projetos arquitetônicos e no tempo que serviu o exército teve um romance com a minha irmã Inevanda. Mais tarde se envolveu com roubos, rede de prostituição e venda de bebidas alcoólicas, vindo a morrer asfixiado numa casa em que morava na companhia de meretrizes. Quando li sobre a sua morte no jornal, lembrei dos botões que ele havia me dado a muito tempo atrás.

Nesse contexto, é relevante refletir sobre o apelido de Pelé que ganhei na redondeza devido às brincadeiras de bola e botão e somente o meu pai me chamava de Cláudio.

Dialogando com Bechara (2011, apud LOPES e BOAKARI, 2016), ele nos aponta que os apelidos podem ser classificados como pejorativos e apreciativos, sendo “que em ambos os casos eles retiram a identidade do nome oficial de um indivíduo, qualificando-o e desqualificando-o com o uso de outra denominação.” (LOPES; BOAKARI, 2016, p. 294).

Diante disso, vale acrescentar que eu nunca fui avesso ao a este apelido, porém, depois que entrei na escola, na universidade, nos trabalhos e quando comecei a namorar, passei a ser chamado de Cláudio e a sentir uma grande diferença entre o meu nome verdadeiro e o meu apelido por causa das novas responsabilidades, sentimentos e pensamentos que passei a ter.

Nesse sentido, vale destacar que foi indo trabalhar na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em dois mil e sete, que conheci o professor Jânio Jorge que foi responsável pela minha iniciação no mundo da pesquisa educacional através da orientação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e participação nas bancas examinadoras destes trabalhos. Nessa época, eu ainda era somente especialista em supervisão escolar e o meu trabalho como professor universitário e de educação básica passou a ter um significado histórico para mim a partir das reflexões no núcleo de estudo Roda Griô sobre o negro, suas vivências e a sua cultura analisados na obra *Sociologia do negro brasileiro* de Clóvis Moura (1988), na qual é destacado, dentre outras reflexões, que:

Os negros não eram somente trabalhadores do eito, que se prestavam apenas para as fainas agrícolas duras e nas quais o simples trabalho braçal primário era necessário. Na diversificação da divisão do trabalho eles entravam nas mais diversas atividades, especialmente no setor artesanal. Em alguns ramos eram mesmo os mais capazes como, por exemplo, na metalurgia cujas técnicas trazidas da África foram aqui aplicadas e desenvolvidas. (MOURA, 1988, p. 67).

Por esta e outras reflexões deste livro, eu percebia que o meu trabalho como professor representava uma forma de resistência contra a ideia negativa sobre o negro criado por causa da escravidão e que esta ideia se encontrava presente em muitos livros didáticos, filmes, novelas e programas de televisão como o Sítio do Pica-Pau Amarelo em que as representações sobre o afrodescendente são, na maioria das vezes, sempre através de imagens retratando cenas em que eles exercem funções sem valorização social.

E esse conjunto de ideias me fazia retornar ao passado e lembrar-me da forma como me iniciei no mundo da leitura que já foi na vida adulta por volta dos vinte e três anos de idade quando me encontrava desempregado e ajudava em casa atendendo no comércio que os meus pais sempre tiveram. Enquanto eu fazia esse trabalho, a minha mãe cuidava nos afazeres domésticos. Era naquelas manhãs e tardes que eu lia os jornais *O Dia* e *Meio Norte* durante horas.

A minha mãe era assinante destes jornais e assim todos os dias chegava um novo jornal com novas notícias que eu lia vorazmente, passando por todas as seções. E a partir daí me sentia bem informado, tinha sempre assunto para conversar com parentes e vizinhos.

Eu sentia diferença entre essas leituras de jornal e aquelas que eu realizava de revistas em quadrinhos na infância e adolescência e nas escolas públicas eu não me lembro de ter realizado atividades de leituras. Às vezes vinha umas tarefas de casa para pintar ou desenhar mapas e muitas vezes minha irmã Inevanda fazia para mim ou atividades bem simples de ler e escrever que eu tentava fazer sozinho.

Nessa perspectiva, aquelas leituras aprofundaram a minha compreensão textual e despertaram em mim o gosto de ler e escrever. Passei a produzir textos com base nelas e enviar para os jornais que eu lia e muitas vezes eles eram publicados. E a partir dessas atividades passei a ler livros e revistas que eu comprava e que me encaminharam para outras leituras.

Li várias edições do *Almanaque Abril* que continha informações variadas sobre ciência, religião, artes, política, esportes. Também realizei a leitura, várias vezes, da obra clássica *O Príncipe* de Maquiavel através da qual incorporei vários ensinamentos como “[...] É preciso, portanto, ser raposa para reconhecer as armadilhas, e leão para amedrontar os lobos. Os que adotam apenas a natureza do leão não têm êxito” (MAQUIÁVEL, 1995, p. 111) que fez surgir em mim atitudes de cuidado e coragem. Ainda da obra acima citada aprendi o ensinamento que diz que “[...] é necessário que o príncipe possua espírito capaz de modificar-se de acordo com o que lhe ditam a direção dos ventos e o variar das circunstâncias [...]” (MAQUIÁVEL, 1995, p. 113) em que passei a compreender melhor a importância da flexibilidade em minhas ações e pensamentos na vida.

Nessa época tinha sido lançada a coleção *O Pensamento vivo* que trazia as ideias básicas de personalidades do mundo da ciência, política, filosofia e artes e esses livros eram vendidos em bancas de revistas por preços populares e muitas pessoas compravam. Eu fiz a leitura de várias dessas obras, sendo as que me chamaram atenção foram as de Buda e a de Karl Marx.

Na obra relacionada a Buda, li reflexões sobre a importância da prática do desapego em relação aos desejos, prazeres e bens materiais. Também li e me admirei bastante sobre os célebres passeios de Buda em que ele descobriu a realidade mundana e passou a mergulhar profundamente no processo de meditação longe do castelo luxuoso em que vivia.

Já na obra relativa a Karl Marx, tive os primeiros contatos com as ideias sobre o materialismo histórico e dialético e com a sua variedade de categorias como a historicidade das lutas de classe, as críticas ao capitalismo, a ideologia burguesa e as propostas de nova sociedade baseadas no socialismo e no comunismo. E na graduação, aprofundi essas ideias nas disciplinas de Sociologia e Filosofia da Educação no curso de pedagogia e em alguma disciplina que cursei no curso de ciências sociais.

A verdade é que eu jamais imaginei que essas minhas atividades de leitura fossem despertar em mim aspirações ardentes de vir a estudar na universidade, contrariando radicalmente as perspectivas do racismo e do preconceito racial que muitas vezes

caracterizam os negros “como sendo inferiores, delinquentes, perversos, desonestos, tolos, sujeitos, irresponsáveis, preguiçosos, incapazes”. (MARTINS, 2013, p. 27).

E esse meu desejo de ser universitário crescia ainda mais quando eu lembrava as experiências de trabalho que havia experimentado até os meus vinte e três anos de idade. Até ali, eu já havia servido o exército durante onze meses. Também havia trabalhado no Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí (DER) e em uma construtora graças ao curso técnico de edificações que havia feito.

No entanto, nesses dois últimos empregos não tive muito sucesso porque o meu curso técnico foi muito teórico e eu praticamente não possuía conhecimentos práticos sobre obras, material de construção, ferragem, concretagem, análise de plantas de casa no local da obra que eram itens importantes nos trabalhos que consegui relacionados ao meu curso de edificações. E na construtora ainda teve um agravante que foi o fato dela prestar serviços para uma grande empresa na qual eu realizava atividades ligadas à anotações e cálculos de concretagem nas quais ficava muito tempo no sol e a minha pele ficava muito cinzenta e aquilo me incomodava.

Nesse cenário, depois que fiquei sem emprego fui trabalhar como aprendiz em uma gráfica do meu irmão, o mesmo que na minha infância me incentivou bastante nas brincadeiras de bola e botão. Sempre tive muito respeito a ele porque foi dele que ganhei os primeiros botões que tive e que guardo até hoje. E nas primeiras vezes que fui jogar bola no campo que tinha perto de casa, era ele quem me levava e eu chorava para usar a camisa dele e ele sempre dava um jeito para eu usar aquela camisa durante o jogo.

E parte desse meu forte contato com esse meu irmão ocorreu durante a década de setenta em que o Brasil viveu sob o regime militar, teve uma grande expansão em seu processo de urbanização e boa parte da população migrava para os grandes centros urbanos em que era grande a oferta de empregos em muitas áreas. Nessa época, os estudos realizados pelos pensadores Florestan Fernandes e Carlos Hasenbalg sobre discriminação racial no Brasil já comprovavam a existência das desigualdades raciais e se contrapunham à visão de democracia racial introduzida no Brasil com base na obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freire.

Nessa ocasião, esse meu irmão passou muito tempo em São Paulo, bem empregado no setor gráfico do qual mais se desligou por não ter acompanhado as inovações tecnológicas nesta área. E nos finais de ano ele vinha nos visitar e trazia vários utensílios e distribuía entre os vizinhos que iam recepcioná-lo. Era uma festa! Também trazia brinquedos interessantes para mim e muitos discos de cantores que faziam sucesso naquela época. Quando ele voltava a São Paulo, eu ficava ouvindo os discos e aprendi a maioria das músicas que sei até hoje. Quando ele resolveu voltar para Teresina, abriu uma gráfica no centro da cidade na qual fui trabalhar, mas não me adaptei com o ambiente de trabalho nem com as conversas e brincadeiras de duplo sentido que ouvia.

Nessa perspectiva, antes de iniciar a minha graduação em pedagogia na Universidade

Federal do Piauí (UFPI), comecei cursar o segundo grau em uma escola pública e depois estudei uns meses de cursinho no Colégio Objetivo e em um curso específico de física e matemática porque a minha pretensão, devido ao curso técnico que fiz, era cursar engenharia civil.

Ocorre que nessas aulas de cursinho a minha aprendizagem nas disciplinas de cálculo não evoluía e eu sentia falta de conceitos e operações básicas que não tinha aprendido o suficiente nos primeiros anos de estudo nem no curso técnico. E quando fiz vestibular para engenharia por duas vezes, percebi que também não sabia o suficiente das outras disciplinas como história, geografia, redação e literatura e a maioria das questões eram muito estranhas para mim.

E diante dessa situação, eu ainda não conseguia formar um juízo crítico sobre o meu passado escolar e somente na graduação quando fui estudar sociologia da educação foi que passei a entender o papel da escola pública na sociedade. Nessa situação, a obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* de Louis Althusser (1985), nos explica que a engrenagem social é constituída basicamente por aparelhos repressivos e ideológicos em que “A Escola, as Igrejas moldam por métodos próprios de sanções, *exclusões*, seleção etc... Não apenas seus funcionários, mas também suas ovelhas.” (ALTHUSSER, 1985, p. 70).

Sob esse ponto de vista, passei a compreender o papel da escola pública na sociedade, levando em consideração o fenômeno das exclusões justificado pela estrutura precária dessas escolas que acaba eliminando a maioria dos seus alunos do mundo universitário. Todos os meus irmãos e irmãs estudaram em escola pública e como consequência tiveram o isolamento no mundo do trabalho, sem conseguirem profissões através de formação superior e capaz de lhes dar visibilidade no meio social.

Nesse panorama, o meu irmão mais velho tinha a fama de ser o mais inteligente da família e chegou a desenvolver muitos trabalhos como carpinteiro e na parte de eletrônica tendo aprendido praticamente tudo por conta própria, lendo, pesquisando e praticando. Também desenvolveu muitas habilidades, conhecimentos e práticas na área do misticismo em que se desentendeu desde cedo com a minha mãe e saiu de casa porque os trabalhos espirituais que ele realizava não eram ligados ao catolicismo e sim a religiões de base africana, conforme analisado por Santos (2012) e Melo (2012). E essas suas atitudes se chocaram a visão etnocêntrica da minha em relação aos valores morais e religiosos que ela só considerava válidos esses aspectos se fossem ligados ao catolicismo.

Sob essa ótica, podemos compreender o etnocentrismo como sendo:

[...] uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. Perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos

emocionais e afetivos. No etnocentrismo, estes dois planos do espírito humano – sentimento e pensamento – vão juntos compondo um fenômeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades como também facilmente encontrável no dia-a-dia das nossas vidas. (ROCHA, 1984, p. 5)

Nesse panorama, a minha mãe foi uma pessoa extremamente católica e que seguia todos os ritos dessa religião como orações cotidianas, tinha um santuário bem populoso de santos, lia a bíblia todos os dias e festejava Santa Luzia em dezembro com treze noites de novenas. E dessa forma rejeitava veementemente qualquer outra religião argumentando que eram estranhas e contrárias aos ensinamentos de Cristo. E por conta disso, cresci com essa compreensão de que a religião católica era a melhor e cumpri os seus sacramentos básicos e durante um bom tempo frequentei muitas missas.

E exatamente no ano de mil novecentos e noventa, nasceu em mim um desejo de conhecer outras religiões e fui conhecer e participar do Movimento Gnóstico através de um cartaz que vi no ônibus. Nessa época, eu frequentava a igreja católica e o referido movimento buscando inovar minhas crenças no divino. Nesse sentido, vale destacar que a Gnose é um ramo do conhecimento e do esoterismo com origem histórica no cristianismo em que os seus integrantes buscavam seguir os ensinamentos de cristo profundamente e se organizaram em comunidades fechadas para estudos, orações e práticas místicas ao longo do tempo.

Durante um período da história esse movimento entrou em crise e se renovou no século vinte tendo como uma dos seus principais expoentes o Mestre Samael Aun Weor que se converteu em um grande humanista e escritor sobre vários temas como kabala, política e esoterismo. Foi nas reuniões para assistir conferências, realizar práticas esotéricas e leituras sobre espiritualidade e despertar da consciência que conheci a Arlete, minha esposa. E nesse contexto, a minha mãe passou a me criticar e a tentar me proibir de frequentar essa instituição. Porém, eu não alimentei a curiosidade dela sobre a minha participação neste núcleo e frequentei até quando comecei a não ver mais sentido.

Nessa perspectiva, nos últimos cinco anos da década de oitenta, os meus pensamentos andavam inquietos e eu precisava definir um novo caminho em minha vida depois de ter servido o exército, feito o curso técnico de edificações e ter tido experiências de trabalho em que não me adaptei.

Nesse sentido, eu continuava lendo vários livros, até que adquiri a obra *Controle Cerebral e Emocional* de Narciso Irala (1986) que passou a ser o meu livro de cabeceira durante muito tempo. Lia e relia capítulos dessa obra como “Saber descansar”, “Conhecer-se”, “A felicidade e seus mecanismo psíquicos” e “Sentimentos e emoções” que me ajudavam bastante a ter novas ideias, revigorar o ânimo e alimentar novos desejos.

Também nesta fase desenvolvi um gosto pelas músicas com temas sociais e políticos e com teor revolucionário como “O Tempo Não Para”, “Ideologia”, “Brasil”, “Blues da Piedade”, “Um Trem Para As Estrelas” do cantor e compositor Agenor de Miranda Araújo

Neto, o Cazuzu. E eu conseguia articular a letra dessas músicas às leituras que fazia e isto impulsionava as minhas reflexões sobre a sociedade e aquilo aumentava o desejo de ser universitário.

E foi nesse contexto que eu fui aprovado em três vestibulares, chegando a concluir a concluir o curso de pedagogia na Universidade Federal do Piauí e cursar a metade do curso de geografia nessa mesma instituição. Esses cursos me ajudaram bastante em minha nova trajetória de vida e de trabalho em que passei em vários concursos públicos e trabalhei também em escolas particulares e universidade. E todas essas novas experiências de trabalho me impulsionaram a ter uma nova vida, ter um novo lar e uma nova família.

Foi trabalhando como professor no colégio São Francisco de Sales que cursei a minha pós-graduação em supervisão escolar que muito influenciou na minha aprovação no concurso de professor titular na Universidade Estadual do Piauí na qual trabalho até hoje. No contexto do meu trabalho docente no ensino superior foi que surgiu a necessidade de cursar o mestrado para atender as exigências desse nível de ensino.

Nesse contexto, a professora Lucienia Libânia Martins, que trabalhava como professora substituta na Universidade Estadual do Piauí, campus Clóvis Moura, foi quem me incentivou a entrar no grupo de estudos Roda Griô da Universidade Federal do Piauí. O referido grupo de estudos me possibilitou desenvolver a consciência sobre as relações étnicas raciais e fazer uma nova leitura e análise do meu passado e do contexto histórico e social em que vivemos sob a condição de homem afrodescendente capaz de progredir profissionalmente e fugir do confinamento social reservado a maioria da população brasileira, sobretudo a porcentagem relativa aos afrodescendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a minha narrativa, percebo que seja de fundamental importância que cada vez mais um percentual maior de afrodescendentes se conscientize da sua condição étnica e racial no mundo para que assim eles possam despertar interesse em desenvolver algum tipo de luta de forma consciente contra o racismo.

Nesse sentido, vale ressaltar que é necessário que surjam novas reflexões e formas de resistência contra o preconceito racial porque o racismo continua atuante em vários recantos da sociedade e a escola e a universidade tem um grande desafio em promover uma pedagogia antirracista, sobretudo alterando os currículos e colocando em prática as políticas públicas a nível nacional e mundiais ligadas às relações étnicas raciais e promoção da cidadania dos afrodescendentes.

De acordo com o que vivenciei e relatei, percebo que a escolarização dos afrodescendentes se coloca como ponto fundamental para que se tenha uma sociedade mais justa e igualitária. E nesse sentido é necessária que haja uma melhoria na qualidade de ensino da rede pública que é o local em que a grande maioria dos afrodescendentes

frequente e necessitam ter condições escolares favoráveis para que eles possam sair do isolamento social historicamente construído para a sua etnia.

E, por fim, percebo ainda a importância de a gestão escola criar estratégias para envolver a comunidade escolar, sobretudo as famílias, no processo de reflexão sobre as relações étnicas raciais para que todos possam ter a dimensão da importância da inclusão e valorização dos afrodescendentes nos diversos contextos dos quais ele se encontra inserido.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 12ª impressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BECHARA, Evanildo (org). Dicionário escolar da Academia de Letras: Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3º ed. 2011.

BRASIL – Década de 70. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-70. Acesso em 24 de abril de 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAZUZA, letras e músicas. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuza/>. Acesso em 30 de abril de 2020.

CLARET, Martin (Coord. Editorial). **O pensamento Vivo De Buda**. Editora Martim Claret, 1985.

DEMOCRACIA racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01040141997000200008. Edições, 1995.

Fátima; ATEM; Érica (Org.). Alteridade e o outro como problema. Fortaleza: Expressão

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente – Identidade em Construção**. Rio de Janeiro : Pallas, 2004.

GNOSE. Disponível em: <https://gnosibrasil.com/artigos/historia-da-gnosis/>. Acesso em 24 de abril de 2020.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Gráfica, 2011. p. 13-39.

IRALA, Narciso. **Controle cerebral e emocional**. São Paulo. 27ª edição. Edições Loyola, 1986.

LOPES, Luzia Bethânia da Silva Lopes; BOAKARI, Francis Musa. **Mulheres, homens e apelidos pejorativos**: quais as experiências e relações? In: Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência: conquistas, experiências e desafios. 1., Anais... Teresina: UFPI, 2016. p. 292-306.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: AGIR, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Editora Cultrix Ltda, São Paulo. Tradução, introdução e notas de Antônio D'Elia, 1995.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **AFORRESILIENTES**: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. 2013. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013. Piauí, Teresina, 2013.

MELO, Emerson. Memória e resistência na formação dos Terreiros de Candomblé. In. FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte, MG. Fino Traço Editora Ltda. 2012. p. 23-28

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1988.

O pensamento vivo de Marx. 8ª ed. Editora Martim Claret, 1985.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto) biográfica em educação: Princípios Epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM; Érica (Org.). **Alteridade e o outro como problema**. Fortaleza: Expressão gráfica, 2011. p. 13-39.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O QUE É ETNOCENTRISMO**. São Paulo, SP. 5ª edição: editora brasiliense, 1988.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são as religiões. In. FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte, MG. Fino Traço Editora Ltda. 2012. p. 11-21

SAVIANI, Demerval. **Política e educação no Brasil**: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino. 6ª ed. Campinas, SP: Autores Associados 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 11, 53, 58, 59, 60, 61, 63, 117, 146

Acesso à justiça 15

Adolescência 107, 109, 125, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152

Adolescente 53, 132, 133, 134, 136, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152

Afrodscendente 103, 108, 113, 114

Agressores masculinos 26, 30

Ansiedade 58, 116, 117, 125, 126, 127, 130, 131

Arima 164, 169, 170, 171, 172

B

Bonecas da moda 64

C

Castidade 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Conselhos de saúde 42, 44, 45, 50, 51

Contrato social 1, 5, 6, 7, 13, 118

Criança 50, 53, 55, 58, 59, 64, 73, 75, 82, 120, 144, 145, 151

D

Desigualdades de gênero 1, 46

Direito internacional 42, 51

E

Empoderamento feminino 64, 65

Experiências 18, 22, 23, 24, 30, 34, 51, 66, 68, 69, 70, 96, 103, 104, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 143, 144, 148

F

Fallon fox 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162

Feminismos 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25

G

Género 10, 11, 12, 13, 14, 25, 28, 29, 37, 40, 41, 46, 48, 49, 52, 95, 98, 102, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Gênero 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,

33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 61, 63, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 128, 130, 131, 143, 146, 147, 152, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Grupos de estudo 103, 104

Grupos de intervenção 26, 31

I

Igualdade de gênero 45, 48, 49, 75, 87, 98, 164, 165, 166, 169, 173, 174

Importunação sexual 15, 16, 18, 19, 20, 25

Intervenção psicológica 26, 32

L

Lugar esportivo 154, 158

Lugar social 2, 3, 154, 158

M

Masculinidade 26, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 99, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 159, 160, 161, 163

México 26, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 52, 141, 142

Morte trágica 78

Mulheres 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 63, 64, 65, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 128, 129, 131, 147, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177

P

Participação popular 42, 167

Paternidade adolescente 132, 133, 134, 136, 140

Pertencimento racial 103, 104, 105

Pessoas Transgênero 154

Planos Municipais de Educação (PME) 90

Políticas públicas 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 59, 61, 82, 113, 119, 132, 133, 138, 142, 147, 174, 175

Promoção da saúde 143, 151

R

Representações femininas 1

Representações negras 64

S

Santarém 164, 166, 169, 170, 171, 174

Santidade 78, 80, 83, 85, 86, 87

Saúde da mulher 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 149

Semiárido 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Semiótica 64, 66

Sexualidade 8, 12, 18, 30, 41, 51, 84, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 116, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 176, 177, 178

Sofrimento 17, 31, 79, 80, 83, 116, 117, 120, 125, 126, 127, 129

T

Teorias da justiça 1

Trabalho formal 164, 166, 169, 171, 173, 174

V




Violência doméstica 11, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 79, 88

Violência masculina 26, 33, 39

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais e práticas educativas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br





 **Atena**
Editora

Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021